

7

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 3ª ed. ver. e ampl. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ABREU, Maurício de A. **A Evolução urbana do Rio de Janeiro**. 3ª ed. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

ALTMANN, Helena. **Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola**. Rio de Janeiro, 2005. 225p. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 7ª ed. Campinas: Papirus, 2002.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 1998.

ARAÚJO, Hiram e JÓRIO, Amaury. **Escolas de Samba em desfile: vida, paixão e sorte**. Rio de Janeiro: Amaury Jório e Hiram Araújo, 1969.

ARAÚJO, Hiram. **Carnaval: seis milênios de história**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

ARAÚJO, Ulisses F. **Temas transversais e a estratégia de projetos**. São Paulo: Moderna, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ªed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

ARROYO, Miguel G. Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In: ABRAMOWICZ, Anete, MOLL, Jaqueline (orgs.). **Para além do fracasso escolar**. Campinas: Papirus, 2001, p.11-26.

AUGRAS, Monique. **O Brasil do samba-enredo**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil** – contribuições a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. Primeiro e Segundo volume. São Paulo: Livraria Pioneira Ed./Ed. USP, 1971.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 22ªed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOGDAN, Robert C. e BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BONAMINO, Alicia. Gestão educacional: o que dizem as pesquisas. *Nuevamerica*, nº105, p.34-39, março/2005.

BOURDIEU, Pierre. Apêndice: O espírito de família. In: **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus ed., 1997, p.124-135.

_____. A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo. In: **O poder simbólico**. 3ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p.58-73.

BRANDÃO, André A. P. Raça, demografia e indicadores sociais. In OLIVEIRA, Iolanda de (org.). **Relações Raciais e Educação**, 2003, p.19-72.

BRANDÃO, Zaia. **Pesquisa em educação**: conversas com pós-graduandos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. 10 v. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: SEPP/MEC, 2004.

CABRAL, Sérgio. **As Escolas de Samba do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Lumiar Ed, 1996.

CANÁRIO, Rui. Estudos sobre a escola: problemas e perspectivas. In: BARROSO, João (org.). **O estudo da escola**. Porto: Porto Editora, 1996, p.121-149.

CANDAU, Vera Maria (org.). **Sociedade, educação e cultura(s)**: questões e propostas. Petrópolis: Vozes, 2002a.

CANDAU, Vera Maria *et al.* Multiculturalismo e educação: questões, tendências e perspectivas. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Sociedade, educação e cultura(s)**: questões e propostas. Petrópolis: Vozes, 2002b, p.11-101.

CANDAU, Vera Maria (coord.). Cotidiano escolar e Cultura(s): desvelando o dia a dia... **Mimeo**. Rio de Janeiro: Departamento de Educação PUC-Rio/CNPq, 1998a.

_____. **Somos tod@s iguais?** Escola, discriminação e educação em direitos humanos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003a.

_____. Universidade, diversidade cultural e formação de professores. **Mimeo**. Rio de Janeiro: Departamento de Educação PUC-Rio/CNPq, 2003b.

CANDAU, Vera Maria. Interculturalidade e Educação na América Latina. Rio de Janeiro, Revista **Novamerica**, n.77, p.38-43, abr/1998b.

_____. Cotidiano escolar e cultura(s): encontros e desencontros. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2000a, p.61-78.

_____. O currículo entre o relativismo e o universalismo: dialogando com Jean-Claude Forquin. **Educação & Sociedade**, n° 73, p.79-83, dez/2000b.

CANDEIA Filho, Antonio & ISNARD Araújo. **Escola de Samba: a árvore que esqueceu a raiz**. Rio de Janeiro: Lidador/SEEC, 1978.

CARDOSO, Terezinha Maria. A cultura da escola engendrada nos espaços/tempo do cotidiano escolar. **CD-ROM 25a. ANPEd**. GT Sociologia da educação. Caxambu-MG, 29/09 a 2/10, 2002, 18p.

CARVALHO, Nívia. “No colégio e ao som da batucada”. **O Globo**, Segundo Caderno, 15/mai/1999.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval carioca: bastidores do desfile**. Rio de Janeiro: Funarte, 1994.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao racismo escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. Prefácio. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001a. p.7-10

CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001b.

CEZIMBRA, Márcia; COSTA, José Donizeti. Machista cordial. **O Globo**, Segundo caderno, p.1-2, 17/ago/2003.

CHARLOT, Bernard. A noção de relação com o saber: bases de apoio teórico e fundamentos antropológicos. In: CHARLOT, Bernard. **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed., 2001, p.15-31

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. 6ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CHINELLI, Filippina e SILVA, Luiz Antonio Machado da. O vazio da ordem: relações políticas e organizacionais entre as escolas de samba e o jogo do bicho. **Boletim do Laboratório de Pesquisa Social**, UFRJ, jun/1991.

CHINELLI, Filippina. O projeto pedagógico das Escolas de Samba e o acesso à cidadania – o caso da Mangueira. **Cadernos Cedec**. n.33, p.43-74, 1993.

CONY, Carlos Heitor. O Rio de muitos e de todos. In **Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 1998, p.7.

COSTA, Haroldo. O Negro na MPB. Breve panorama. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. IPHAN, n.25, p.107/111, 1997.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Velhas histórias, memórias futuras**: o sentido da tradição na obra de Paulinho da Viola. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. São Paulo: Sextante, 2003.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ªed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **Relativizando**; uma introdução à Antropologia Social. 6ªed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DAUSTER, Tânia. Construindo pontes: a prática etnográfica e o campo da Educação. In: DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos Olhares sobre a Educação e Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p.65-72.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos Olhares sobre a Educação e Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p.136-161

_____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, nº24, p.40-52, Set/Out/Nov/Dez 2003.

DEROUET, Jean-Louis. O funcionamento dos estabelecimentos de ensino na França: um objecto científico em redefinição. In: BARROSO, João (org.). **O estudo da escola**. Porto: Porto Ed., 1996, p.61-85.

DE ROSSI, Vera Lúcia Sabongi. **Gestão do Projeto Político Pedagógico**: entre corações e mentes. São Paulo: Moderna, 2003.

DICIONÁRIO HOUAISS da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DIMENSTEIN, Gilberto. Experiência com samba ensina o prazer de aprender **Folha de São Paulo**, Cotidiano, p.2, 06/02/2005.

DUARTE, Rosália. Usando entrevistas em pesquisas em Educação: limites e possibilidades. In: **I Seminário de Pós-Graduandos em Educação da PUC-Rio** – a construção do objeto de pesquisa em debate. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 17/06/2003.

ESCOLA no sábado? **Revista Escola e Família**. SME, Ano I, nº1, p.14, inverno 2003.

FARIA FILHO, Luciano Mendes, GONÇALVES, Irlen Antônio, VIDAL, Diana Gonçalves, PAULILO, André Luiz. A *cultura escolar* como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, vol.30/01, p.139-159, jan/abr/2004.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **Escolas de Samba**: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas da cidade do Rio de Janeiro, 2001.

FONSECA, Marília. O Banco Mundial e a Educação: reflexões sobre o caso brasileiro. In: GENTILI, Pablo (org.). **Pedagogia da exclusão**. 9ªed. Petrópolis: Vozes, 2001, p.169-195.

FORQUIN, Jean-Claude. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. **Teoria & Educação**, n.5, p.28-49, 1992.

_____. **Escola e Cultura**. As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

_____. O currículo entre o relativismo e o universalismo. **Educação & Sociedade**, nº 73, p.47-70, dez/2000.

FRANCO, Creso; MANDARINO, Mônica; ORTIGÃO, Maria Isabel. O projeto pedagógico e os resultados escolares. **Pesquisa e Planejamento Econômico**. IPEA. v.32, nº 3, p. 477-493, dez/2002a.

_____. Qualidade e equidade no ensino fundamental brasileiro. **Pesquisa e Planejamento Econômico**. IPEA. v. 32, nº 3, p. 453-476, dez/2002b.

FRANCO, Creso et al. Eficácia Escolar no Brasil: Investigando práticas e políticas escolares moderadoras de desigualdades educacionais. Departamento de Educação – PUC-Rio, 25p., **mimeo**, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 35ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

FRIAS, Lena. Samba sem escalas, da Central a Oswaldo Cruz. **Jornal do Brasil**, Caderno B, p.8, 02/12/1998.

GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo**. 11ªed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.

_____. **Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

GARCIA, Regina Leite. Currículo Emancipatório e Multiculturalismo: Reflexões de Viagem. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flávio (orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1995, p.114-143.

GARIGLIO, José Ângelo. **A cultura docente de professores de educação física de uma escola profissionalizante: saberes e práticas profissionais em contexto de ações situadas**. Rio de Janeiro, 2004. 291p. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

GEADA, Andréa Moutinho Santos. **Pagode do trem: sambando pelos trilhos da Central**, Coordenação do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em História do Brasil Pós-30, **mimeo**, 2004, 19p.

GIMENO SACRISTÁN, J. Gimeno. Escolarização e cultura: a dupla determinação. In: SILVA, Luis Heron da e outros. **Novos Mapas**

Culturais: Novas Perspectivas Educacionais. Porto Alegre: Sulina, 1996, p.34-57

_____. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, T.T. da & MOREIRA, A.F. (orgs.). **Territórios contestados:** o currículo e os novos mapas políticos e culturais. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995, p.82-113

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GOLDWASSER, Maria Júlia. **O palácio do samba** – estudo antropológico da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1975.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação:** repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001, p.83-96.

_____. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, p.75-85, mai/jun/jul/ago 2003.

GOMES, Rui. Teses para uma agenda de estudo da escola. In: BARROSO, João (org.). **O estudo da escola.** Porto: Porto Ed., 1996, p. 87-107

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. **Classes, raças e democracia.** São Paulo: Editora 34, 2002.

GUIMARÃES, Maria Eloísa. **Escolas, galeras e narcotráfico.** Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 1998.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1997a.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, nº22(2), p.15-46, jul/dez. 1997b.

_____. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.). **Representation:** cultural representation and signifying practices. London: Sage, 1997c.

_____. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: **Da diáspora:** Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed.

UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p.247-264.

HASENBALG, Carlos A. Desigualdades sociais e oportunidade educacional – a produção do fracasso. **Cadernos de Pesquisa**, n.63, p.24-26, nov/1987.

_____. Raça e oportunidades educacionais no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n.73, p.5-12, mai/1990.

HEILBORN, Maria Luiza. **Conversa de portão – juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca**. Dissertação de Mestrado (1984). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ. 206p.

HENRIQUES, Ricardo. Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. **Texto para discussão**, IPEA, nº 807, jul/2001.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: UFRJ Ed, 2000.

HISTÓRIA DO SAMBA. 40 fascículos/40CD. Rio de Janeiro: Globo/BMG, 1997.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric, RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. 3a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

IBGE. Censo Demográfico 2000. Características gerais da população. Resultados da amostra. Tabelas de resultados. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao>. Acesso em 21/02/2005.

INSTITUTO Pereira Passos. **Armazém de Dados**. Portal Geo. Bairros Cariocas, disponível em <<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas>>.

IPLANRIO. Favelas cariocas: índice de qualidade urbana. Rio de Janeiro: SMU/IPP, 1997.

KOOGAN/HOUAISS. **Enciclopédia e Dicionário**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1995.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LELIS, Isabel Alice Oswald Monteiro. **A Polissemia do Magistério: entre mitos e histórias**. Tese de Doutorado (1996). Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Rio de Janeiro. 223p.

LEOPOLDI, José Sávio. **Escola de samba, ritual e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1977.

LIMA, Augusto César Gonçalves e. Samba e cultura brasileira. **Novamérica**, n.82, p.46-49, jun, 1999a.

_____. Caderno de entrevistas. **Mimeo**. Departamento de Educação da PUC-Rio, Programa de Pós-Graduação, 1999b.

_____. A cultura do samba: um espaço educativo? In: *CD-ROM X ENDIPE*, Rio de Janeiro, xendipe/artigos/237C.PDF, 2000.

_____. **Escola dá samba? O que têm a dizer os compositores do bairro de Oswaldo Cruz e da Portela**. Dissertação de Mestrado (2001). Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Rio de Janeiro. 139p.

_____. Escola dá samba? O que dizem os compositores do bairro de Oswaldo Cruz e da Portela. In CANDAU, Vera Maria (org.). **Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas**. Petrópolis: Vozes, 2002, p.173-202.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

LOPES, Nei. **O samba na realidade...** A utopia da ascensão social do sambista. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

_____. **O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical: partido alto, calango, chula e outras cantorias**. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

_____. Uma breve história do samba. **Afroreggae Notícias**, n°30, p.4-5, 1998.

_____. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

LOPES NETO, Aramis A., SAAVEDRA, Lucia H. **Diga Não para o Bullying**. Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes/ABRAPIA: Rio de Janeiro, 2003.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAC AN GHAILL, Máirtín. Jóvenes, superdotados y negros. Reflexiones metodológicas de un profesor/investigador. In: WALFORD, Geoffrey (org.). **La otra cara de la investigación educativa**. Madrid: La Muralla 1995.

MADUREIRA & OSWALDO CRUZ. Coleção Bairros do Rio. Rio de Janeiro: Ed. Fraiha, 2004.

MARTINS, Jorge Roberto “O samba se revigora na voz dos jovens – parte I”, **Jornal do Brasil**, Caderno H, p.H10, 05/06/2005.

MÁXIMO, João, DIDIER, Carlos. **Noel Rosa: uma biografia**. Brasília: UNB Editora: Linha Gráfica Ed., 1990.

MCLAREN, Peter. **Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação**. Petrópolis: Vozes, 1991.

MEDEIROS, Carlos Alberto. **Na lei e na raça: legislação e relações raciais, Brasil-Estados Unidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MIRANDA, Claudia, AGUIAR, Francisco L. de, DI PIERRO, Maria C. (orgs.), **Bibliografia Básica sobre Relações Raciais e Educação**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

MORAES, Cintia de Melo. A cultura brasileira revelada no barracão de uma escola de samba: o caso da família imperatriz. Dissertação de Mestrado. Departamento de Administração, PUC-Rio, 1996.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.23, p.156-168, mai/jun/jul/ago, 2003.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito de marca**. As relações raciais em Itapetininga. São Paulo: Edusp, 1998.

NÚCLEOS de Adolescentes Multiplicadores: construindo caminhos. Equipe da SME/RJ. **Nuevamerica**, nº 101, p.18-23, março/2004.

OLIVEIRA, Iolanda de. **Relações raciais e educação: novos desafios**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OLIVEIRA, Ozerina Victor de, MIRANDA, Claudia. Multiculturalismo crítico, relações raciais e política curricular: a questão do hibridismo na Escola Sarã. **Revista Brasileira de Educação**, nº 25, p.67-81, jan/fev/mar/abr/2004.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA. Rio de Janeiro: Ed. Globo/BMG, 40 CDs, 40 fascículos, 1997.

PAIXÃO, Marcelo J. P. **Desenvolvimento humano e relações raciais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p.26-67.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Santuário da Penha e Bloco Cacique de Ramos: tradição de cultura popular. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Negro Brasileiro Negro, n.25, p.279-285, 1997.

PÉREZ GÓMEZ, Angel I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto: Porto Ed., 1995.

_____. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

POTENCIAL econômico dos bairros do município do Rio de Janeiro. ABERJ/SBERJ. 2a. ed. Jul/1999.

PROGRAMA das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Relatório 2004. Disponível em: <www.pnud.org.br>. Acesso em 21/02/2005.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, p.103-118, mai/jun/jul/ago/2003.

_____. As culturas juvenis. Entrevista. **Revista Nuevamerica**, nº 101, p.4-18, março/2004.

REIS, Rosemary Freitas do. **Práticas de leitura e produção de textos nas séries iniciais: saber docente em processo de construção**. Dissertação de mestrado (2001). Programa de Pós-Graduação do Departamento de Educação da PUC-Rio. Rio de Janeiro. 156f.

RELATÓRIO INSTITUCIONAL – 8ª série do Ensino Fundamental – Rio de Janeiro: Idéia Edições SM, 2004, 62p. Novembro/2003, mimeo.

REVISTA do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Negro Brasileiro Negro. nº25, 1997.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

ROSSATO, César, GESSER, Verônica. A experiência da branquitude diante de conflitos raciais: estudos de realidades brasileiras e estadunidenses. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001, p.11-37.

SANDRONI, Carlos. **Feitiço decente: transformações no samba do Rio de Janeiro (1917-1933)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./Ed. UFRJ, 2001.

SANSONE, Livio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**. Salvador: Edufba; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

_____. Jovens e oportunidades: as mudanças na década de 1990 – variações por cor e classe. In: HASENBALG, Carlos & SILVA, Nelson do Valle (orgs.). **Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003, pp.245-279.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **MULTIEDUCAÇÃO: Núcleo Curricular Básico**. Rio de Janeiro: 1996.

_____. Projetos e Programas da SME. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/sme/projprog/merenda.htm>>, Acesso em 02/04/2005.

_____. Portaria nº 12/E-DGED, de 14/12/1999, publicada no Diário Oficial de 15/12/1999.

_____. **1º Ciclo de Formação**. Documento Preliminar, fascículo 1, DGE, 2000.

_____. Resolução Nº 684, de 18/04/2000.

SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO. Instituto Pereira Passos. Armazém de dados. Características Demográficas. Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, Marília Trindade Barboza da & SANTOS, Lygia dos. **Paulo da Portela** – traço de união entre duas culturas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Funarte, 1989.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da & MOREIRA, Antonio Flávio (orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. Currículo, universalismo e relativismo. Uma discussão com Jean-Claude Forquin. **Educação & Sociedade**, nº 73, p. 71-78, dez/2000.

SISS, Ahyas. A educação e os afro-brasileiros: algumas considerações. In: GONÇALVES, Maria Alice Rezende (org.). **Educação e cultura: pensando em cidadania**. Rio de Janeiro: Quartet, 1999, p.61-86

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

_____. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador-Ba: Fund. Cultural do Est. da Bahia, 2002.

SOUZA, Elizabeth Fernandes de. Repercussões do discurso pedagógico sobre relações raciais nos PCNs. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001, p.39-63.

SUKMAN, Hugo. E o samba ganhou as paradas. Entrevista com Jorge Aragão, Zeca Pagodinho e Mauro Diniz. **O Globo**, Segundo Caderno, p. 8, 06/06/2005.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

_____. **Educação é um direito**. 2ªed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

TEIXEIRA, Moema De Poli. Negros egressos de uma universidade pública no Rio de Janeiro. In OLIVEIRA, Iolanda de (org.). **Relações Raciais e Educação**, 2003, p. 193-208.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular**: um tema em debate. 2ª ed. Rio de Janeiro: JCM, [1969].

TRAMONTE, Cristiana. **O samba conquista passagem**: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis. Florianópolis: Cristiana Tramonte, 1996.

_____. **O samba conquista passagem**: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba. Petrópolis: Vozes, 2001.

VALENÇA, Máslova Teixeira. **A escola dos trabalhadores do samba – um estudo sobre trabalho e educação no barracão do Império Serrano** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, fev/2005, 160p.

VAN ZANTEN, Agnès. Cultura da rua ou cultura da escola? **Educação e Pesquisa**. v.26, n.1, p.23-52, jan/jun, 2000.

VARGENS, João Baptista M. & MONTE, Carlos. **A Velha Guarda da Portela**. Rio de Janeiro: Manati, 2001.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento**: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. 10ª ed. São Paulo: Libertad, 2002.

VELHO, Gilberto. Introdução: Cultura, identidades e pluralismo sociocultural, in: **Revista de Cultura Brasileira**, nº 1, Madri, Espanha: Embajada de Brasil em España, 1998, p.167-172, mar/1998.

_____. Cultura popular e sociedade de massas. In: **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994a, p.63-70

_____. Unidade e fragmentação em sociedades complexas. In: **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994b, p.11-30

_____. Os conceitos de relevância e motivação e a noção de subcultura. In: **Individualismo e cultura**. Notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997a, p.79-89

_____. Observando o familiar. In: **Individualismo e cultura**. Notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997b, p. 121-132.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./Ed. UFRJ, 1995.

_____. **O mundo funk carioca**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997a.

_____. Música no plural: novas identidades brasileiras. In: **Revista de Cultura Brasileira**. Editada por la Embajada de Brasil em Espana. nº1, p.299-311, mar/1998.

VIANNA, Hermano (org.). **Galerias cariocas**: território de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997b.

VIEIRA, Liszt. **Cidadania e globalização**. 2ªed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VILLALTA, Luiz Carlos. Uma babel colonial. **Nossa História**, Ano 1, nº5, p.58-63, mar/2004.

WHITE, Willian Foot. Apêndice. Sobre la evolución de la “Sociedad de las esquinas”. In: **Sociedad de las esquinas**. Mexico: Editorial Diana, 1971. p. 335-423

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p.90-113.

Material gravado em CD:

Agoniza mas não morre. **CD Elton Medeiros & Nelson Sargento**. Série Sucessos em dobro. Nº 924048, faixa 15, Gravadora Eldorado, s.d.

A voz do morro. Zé Kéti. **CD Os grandes sambas da história**. Coleção 40 CDs, nº 3. faixa 3, Globo/BMG, 1997.

Espelho. João Nogueira. **CD João Nogueira**. Coleção Os Originais. Nº 833470-2, faixa 2, EMI, 1995.

Fica depois de Madureira. Beth Carvalho. **CD Pagode de mesa**. Nº 73145466812, faixa 7, Universal Music, 1999.

Nos pagodes da vida. **CD Pagode da Tia Doca**. Nº 4106002-1, faixa 17, Paradoxx Music, 2000.

O samba é carioca. Carmem Miranda. *CD Os grandes sambas da história*. Disco 21, faixa 4. BMG, 1997.

Prá Oswaldo Cruz. Edinho de Oliveira. *CD Negro*. Nº 9804, faixa 5, Etnia Music, 1998.

CD Samba no buraco do Galo. Nº 60710, Musitec, 2000.

Teresa Cristina e Grupo Semente. *CD A música de Paulinho da Viola*. 2 CDs. Nº 22005-2 e 22006-2, DECKdisc, 2002.

Apêndices

Roteiro de entrevistas

Nome:

Data de nascimento:

Onde nasceu e foi criada/o:

Onde mora (bairro):

Desde quando está nesta escola:

Professoras/es:

Perguntas	O que quero saber
a) Por que ser professor/a?	Se faz parte de seu projeto de vida ou é sobrevivência
b) O que é o projeto “Azul e Branco em movimento” e como você o trabalha?	Qual o sentido do projeto pedagógico e sua relação com a vida
c) Como são os/as alunos/as da escola Azul e Branco?	Como elas/eles vêm as/os alunas/os
d) Como é a sua relação com os/as alunos/as?	Como é a interação
e) Como é a sua relação com as/os responsáveis?	Tem contato e como é
f) Como vê a relação da escola com a comunidade?	Se a escola faz parte da vida da comunidade
g) O que sabe sobre a história do bairro e seus moradores?	Se conhece ou procura conhecer algo sobre o bairro
h) Tem alguma convivência no bairro de Oswaldo Cruz?	Se tem alguma relação com o bairro fora da escola
Que relação tem sua disciplina e sua forma de trabalhar com a comunidade?	Se o/a professor/a vê ou busca alguma relação com a vida dos alunos em sua disciplina

Nome:

Data de nascimento:

Onde nasceu e foi criada:

Onde mora (bairro):

Desde quando está nesta escola:

Diretoras:

Perguntas	O que quero saber
i) Por que ser diretora?	Se faz parte de seu projeto de vida ou é sobrevivência
j) O que é o projeto “Azul e Branco em movimento” e como você o trabalha?	Qual o sentido do projeto pedagógico e sua relação com a vida
k) Como são os/as alunos/as da escola Azul e Branco?	Como elas/eles vêm as/os alunas/os
l) Como é a sua relação com os/as alunos/as?	Como é a interação
m) Como é a sua relação com as/os responsáveis?	Como é a interação
n) Como vê a relação da escola com a comunidade?	Se a escola faz parte da vida da comunidade
o) O que sabe sobre a história do bairro e seus moradores?	Se conhece ou procura conhecer algo sobre o bairro
p) Tem alguma convivência no bairro Azul?	Se tem alguma relação com o bairro fora da escola
q) Que relação tem sua disciplina e sua forma de trabalhar com a comunidade?	Se o/a professor/a vê ou busca alguma relação com a vida dos alunos em sua disciplina

Nome:

Data de nascimento:

Onde nasceu:

Onde foi criado:

Tempo de moradia no bairro:

Diretoria da associação de moradores:

Perguntas	O que quero saber
a) O que o bairro tem de bom ou interessante?	Se conhece o bairro e sua história
b) Que convivência tem com o bairro?	Se há interação com as pessoas e atividades do bairro
c) O que tem feito a Associação de Moradores?	O entendimento do papel da associação de moradores
d) Como vê a escola Azul e Branco e sua relação com a comunidade?	Que tipo de interação existe e como vê o papel da escola

Nome:

Data do nascimento:

Onde nasceu e foi criado/a:

Onde mora atualmente:

Desde quando está nesta escola:

Estudantes:

Perguntas	O que quero saber
a) Como é estudar na escola Azul e Branco?	A relação com a escola
b) Como é/são seu(s)/sua(s) professor(es)/a(s)	A relação com o(s)/a(s) professor(es)/a(s)
c) O que aprende na escola que tem a ver com seu bairro?	Se o/a estudante vê a escola ensinando algo que tem a ver com sua vida no bairro
d) O que sabe sobre a história do bairro?	Se conhece a história do bairro
e) Que tipo de música e dança gosta?	Se tem relação com a cultura do samba

Nome:

Data do nascimento:

Onde nasceu e foi criado/a:

Onde mora atualmente:

Grau de parentesco com a criança:

Desde quando a criança está nesta escola:

Responsáveis:

Perguntas	O que quero saber
a) O que acha da escola Azul e Branco?	Como vê a escola
b) Como a escola lida com os/as responsáveis?	Como é a relação da escola com os/as responsáveis
c) A escola dá espaço para a comunidade?	A relação da escola com a comunidade
d) O que sabe sobre a história do bairro de Oswaldo Cruz?	Se conhece a história do bairro
e) De que atividades gosta de participar no bairro?	Se tem alguma ligação com a cultura do samba

Entrevistas

Nome: **Aída**

Data do nascimento: 25/02/1965

Formação: Escola Normal e Psicologia

Função: Coordenadora pedagógica

Onde nasceu e foi criada: Rio de Janeiro/Oswaldo Cruz e depois Leblon

Bairro onde mora: Sulacap

Desde quando está na escola: 1988

Data da entrevista: 11/05/2004

Como você escolheu se tornar professora e vir trabalhar na Mozart Lago?

Vou ter que começar assim: como escolhi a profissão. Eu tive uma influência muito grande da minha mãe, que foi uma mulher que criou a filha para casar bem e ser professora (ri), psicóloga também.

Sua mãe era psicóloga e professora?

Não, era enfermeira, com licenciatura, uma pessoa muito voltada para a educação, uma pessoa apaixonada por educação, então ela me colocou numa escola normal, muito por desejo dela, mas eu acabei gostando. Assim que eu acabei o normal, fiz o concurso para o município e fui chamada. Então comecei a trabalhar num CIEP. E já no CIEP, que foi a minha primeira escola, eu tinha todo um contato assim, eu vou fazer um teatro, eu vou fazer uma dança, eu vou fazer uma apresentação, eu gostei já de cara de trabalhar de uma maneira diferente com as crianças. Fui pra Escola Azul. Eu lembro, a gente conversa até hoje, eu cheguei na Escola Azul, cheguei com duas professoras, né, novas também, a gente brinca, “você se lembra do paredão?” Porque, assim, pessoas antigas, já com tantos anos de casa, e nós três paradas olhando aquilo tudo. E eu, caramba, como é que é isso? E eu fui começar a fazer o meu trabalho ali. Então eu senti, realmente, assim, no início um pouco de dificuldade, porque eu me achava assim um pouco diferente. Por outro lado, vou colocar aqui, há 16 anos atrás, eu era novinha (ri), ainda sou, então, o que que acontecia, né, eu acho que naquela época, eu era tratada assim, como a mais novinha da escola. Então, quando a Lília fazia um teatro, tinha um ar meio que doce envolvido nas questões, mas foram me dando abertura para fazê-lo. Então, eu acho que a minha trajetória profissional começou por aí.

A tua relação com a profissão é de quem gosta do que faz?

Eu adoro, adoro, adoro, adoro. Gosto mesmo. É desgastante, hoje, depois de um tempo percorrido, além do processo de sala de aula, eu acho que, assim, se colocassem, se eu tenho um diferencial meu, profissional, é gostar do que eu faço. Adoro!

O que é o projeto “Escola Azul em movimento”?

Olha só, primeiro eu tenho que diferenciar que existe um projeto político pedagógico, não é isso? Então, eu posso falar do projeto político pedagógico também?

Claro!

Então, o projeto político pedagógico aconteceu em três momentos, né. Logo que eu saí da sala de leitura para a coordenação, foi em 199...6, ou 98, por aí, né, eu já levei um primeiro projeto político pedagógico, que era o “Transformação”. Eu digo que ele era, assim, bem artesanal, né, “objetivo, justificativa, pontos”, uma coisa bem sucinta. E aí eu fui pra coordenação, lógico que cheia de gás, cheia de vontade de mudar a cara do pedagógico da Escola Azul, né. Até porque lembro muito do que um professor me disse, “Aída – o Otávio, até de Português – a partir de hoje a Escola Azul não vai ter a cara da Ana nem da Arlinda – na época uma outra Arlinda, que era ajunta – a partir de hoje a Escola Azul vai ter a tua cara porque o pedagógico é a alma da escola, então ele vai ter a tua alma”. Então eu fico pensando, assim, que ele definiu bem o que eu estava querendo. Então eu construí o projeto político pedagógico da escola que foi o “Transformação 2”. E aí foi esse projeto premiado, né, por que? Porque a gente trabalha, partia do pressuposto, que a gente não tem que ter só teoria, tem que ter ação, né. Então chega de blablá e vamos para a ação. Passamos para o “Só o sonhador constrói o futuro”, que também foi um movimento muito bacana, pensar nestes sonhadores não como utopia meramente, mas como possibilidade de conquista, e finalmente chegamos é, na, onde nós estamos neste momento, que um, a construção de um novo projeto. Então, agora, o projeto político pedagógico está em fase de construção. Eu estou começando a colher estes dados, vendo a realidade atual da escola, tentando me afastar um pouquinho destas confusões emocionais que às vezes a escola passa, para poder situar o que que a escola está precisando, né, qual é o formato que eu vou dar. E o projeto “Escola Azul em movimento”, é, vamos dizer assim, seria o projeto pedagógico. O tema que queria passar e passar pelos bimestres até o final do ano. Então, todo ano, a gente seleciona um tema, diante do maior, né, do projeto político pedagógico, como não tinha o maior esse ano eu parti do movimento. Até para dar idéia de que? O que que é o movimento? É tudo isso que está passando, indo e voltando, né, o tempo todo. Então eu dividi em quatro momentos, né, o movimento social, cultural, ecológico e histórico.

O que você entende por movimento cultural, como você estes quatro movimentos que falou na vida da escola, como é que vai... Trabalhar com o movimento cultural?

É. Ou o movimento histórico ou social. Como é que se traduz isto na vida da escola?

O que que eu acho: essas quatro situações, esses quatro movimentos, você está o tempo todo na escola. Eu acho que dificilmente você trabalha só o cultural, só o histórico, eles estão

interligados. Só que eu percebi que tem professores que têm uma linguagem mais cultural. Então se você pegar uma professora, por exemplo, de artes, então é específica, ela está com o cultural dela o tempo todo. É lógico que quando chegar lá o dia mundial do meio ambiente, ela, de repente, vai fazer uma pintura sobre meio ambiente. Mas o enfoque dela é cultural. Ela está resgatando o meio ambiente pelo cultural, pela arte, pela beleza, com essas comparações, então eu vi assim, eu tentei dar em cada movimento um enfoque maior que o professor pudesse dar naquele momento. Eu tenho professora de terceira série que queria trabalhar com música. O enfoque dela é cultural. Se ela vai resgatar pela história da música, ela escolher de repente um cantor, entendeu, por aí.

Para que verificar se eu não interpretei mal, você falou sobre o dia do meio ambiente como exemplo de como o projeto é levado à prática. Isto quer dizer que o projeto tem a ver com as datas...

Não, não. Ao contrário (ri). Mas por outro lado – a gente estava até discutindo isto – por outro lado, querendo ou não, todo mundo vai estar em determinado momento falando assim, “Olha, dia mundial do meio ambiente”, eu também não posso dizer assim, todo mundo tape os ouvidos porque a gente não fala, não, dependendo a gente vai até abordar, naquele dia, naquele momento, uma situação, mas o enfoque cultural, o enfoque histórico, sobre aquela situação...

Que vai ser trabalhado ao longo dos semestres...

Exatamente, exatamente.

Como é que você vê os alunos da escola, na participação, na relação com os professores, como é que eles são?

Olha, eu acho assim, eu sou suspeita, eu acho os alunos da escola ótimos, sabia, até comparando, por ser profissional da educação em outros locais, né. Eu acho que eu tenho alunos levados, tenho alunos encenqueiros, alunos chatos, ah!, isso tudo. Mas eu acho que o aluno da Escola Azul, ele começa a criar uma cultura realmente de participação, de querer, de estar envolvido, né. Hoje, por exemplo, eu cheguei e eles estavam envolvidos, todos afoitos, querendo se organizar para prestação, é, eleição de representantes de turma que vai ter reunião amanhã, que eles vão falar, né, e queriam ver o negócio da camisa, o sorteio, nossa, eles se envolvem, eu acho que é preciso você motivar. Eu acho que eles são bem participativos, bem!

A tua relação com eles, como você vê?

Ah, já foi melhor.

Por que?

Falta de tempo para ter contato com eles. Às vezes eu percebo, que infelizmente, a situação do tempo, da demanda, você acaba se distanciando muito do aluno enquanto direção, né. Trabalhando o burocrático, o papel, o telefone, a entrada, a saída, o contato com o

professor, papel pedagógico, o planejamento, bababá, e quando vai na sala de aula é muita bronca, muita cobrança e já tive – eu, Aída – já tive um movimento com eles, nossa!, muito mais gostoso, né, assim como está ali (apontando para a reportagem do colégio particular que ela também trabalha) “tia Aída, do teatro, um beijo, tchau, tô com saudade”. A minha relação com eles era muito assim.

Aída, eu assisti a duas reuniões do Centro de Estudos e somente em parte de uma você conseguiu discutir assuntos pedagógicos e a maior parte eram questões administrativas. Tenho observado na secretaria a diretora Ana e a adjunta Arlinda muito envolvidas com questões administrativas. Como você vê isto?

Como um fator super negativo, super negativo. Porque eu acho que na realidade a escola não é isso, né, não é papel, não é número e você acaba tornando a escola isso. Se você não tomar cuidado – hoje eu estava até pontuando isto em relação da reunião de amanhã – se a gente não tomar cuidado, isto vira uma bola de neve! Assim, a gente neste sufoco do administrativo, as professoras no sufoco do dia a dia de sala de aula mesmo, que com certeza é desgastante, se você não tiver um canal para escoar isto tudo, a gente faz o que aconteceu no COC ali atrás (referindo-se à reunião do Conselho de Classe do dia 30/04/2004, que foi tenso e havia um clima de pé de guerra dos professores com a direção descrito nas páginas 173 e ss. do Diário de Campo), o negócio explode, né. Por que? Porque alguma coisa está acontecendo. Então, ao invés de você utilizar até a avaliação, você tem que olhar para isso. Quanto ao administrativo, só assim, quanto ao administrativo em si, eu acho muitas vezes – eu já propus isso algumas vezes – que a gente se repensasse mesmo, sabe.

No COC houve problemas e muita discussão. Como você vê o problema da indisciplina e a reação dos professores?

É, eu vejo assim, a indisciplina hoje ela é fato. Eu acho que historicamente ela sempre existiu (?????????). Em algum momento nós também tivemos nosso momento de revolta, eu lembro dos meus tempos de escola, né, onde você tinha seus momentos de revolta. Só que hoje você tem uma outra sociedade, um outro papel da família, uma mãe mais ausente, uma lei que permite tudo. Então realmente eu acho que a gente está numa crise. Acho que não é a escola, acho que os aparelhos ideológicos de Estado estão precisando funcionar um pouco melhor, que estão numa crise social em relação ao adolescente, à criança, a essa formação aí, né. Então, ela existe na escola? Ela existe. Eu só acho que a gente tem que buscar estratégia. Eu sempre discuto isso com as meninas: gente, pra tudo tem uma solução. Não adianta, eu não consigo conceber, você viver, passar 24 horas dentro de uma escola reclamando que os alunos são horrorosos. E aí, o que que você faz? Você tem que ter uma estratégia. Eles não podem sair daqui: “eu venci”, né, eu não consigo conceber isso. Então a gente cria todo um movimento inverso, exatamente um movimento de estar pensando, estar

questionando. Aí você vai buscar umas estratégias de punição entre aspas, outras de motivação, outras de conversas. Por exemplo tem uma turma que está aterrorizando a escola que é a 62. Todo mundo, assim, Ah, a 62, a 62! Aí os professores já foram até na frente do próprio aluno: “Ah, a 62 é terrível, essa turma aí!”. É tudo que eles querem, né, estão criando aquela... E aí, me relatando os problemas que eles estão passando, eu pensei, o quê que eles estão precisando? Eu – isto eu pensando sozinha – caramba, eles estão precisando de uma dinâmica de grupo, umas discussões, dividir a turma em grupo, com uma pessoa que esteja ali – eu sei que falta essa pessoa – aí que eu digo, a Aída poderia entrar? Nessa hora eu acho que eu poderia entrar, né, até por uma questão de formação, então eu teria como ajudar essa turma a resgatar alguns valores. Aí é a falta de tempo, entendeu, eu digo deficiente por isso.

Falando sobre a questão da indisciplina, você falou sobre mães ausentes. Como é sua relação com os responsáveis?

É, eu, eu, é, boa, assim não é ruim não, até porque eu não tenho esse contato tão direto, aí como tem a Ana e a Arlinda.

Mas você tem feito algumas reuniões...

Ah, não, eu tô em todas. Até sou eu, assim, geralmente a reunião de responsáveis, eu faço, eu que dou, a Ana depois vem dar, eles têm, assim, a gente até brinca muito com isso, a Ana, ela tem uma presença muito... marcante na escola, né. Então não adianta, a gente brinca com isso, tem um lado bom e tem um lado ruim. Não adianta que as pessoas não vão enxergar autoridade maior além da Ana ou igual, ou um pouquinho abaixo. Não, é a Ana. Então muitas vezes: “eu quero falar com dona Ana”, eu falo, “eu posso ajudar?” Não, é só com a dona Ana. Aí a dona Ana vai entrar – você vê isso lá – dona Ana vai entrar e ele vai perguntar uma besteira que eu poderia ter resolvido ou Arlinda, mas tem que ser “dona Ana”. Enfim, esta é uma questão de personalidade dela mesma, a presença dela. Então, por um lado, eu, o que que acontece, a mãe dela é moradora ali, então ela conhece, ela sabe, então isso também é uma coisa que facilita muito pra ela o contato com as mães, entendeu.

Aproveitando, como você vê a relação da escola com a comunidade, com o bairro ali?

Ah, eu acho que é legal por isso. Porque, assim, são dois fatores interessantes. Hoje eu tenho a Arlinda que mora na rua quase que ao lado da escola, a Ana que tem a família morando dentro do próprio conjunto habitacional. Então isso cria, quer dizer, ela vive ali, ela tem essa realidade: “fulano, eu conheço, fulano estava ali, fulano é amigo de fulano. Então eu acho que tem esse conhecimento, essa proximidade com a comunidade. Ana conhece todo mundo ali, e isso é muito bom. Eu não. Se você me perguntar quem é o Joãozinho, eu não sei. Entendeu, eu entro e saio realmente com meu carro, eu tenho menos contato.

Mas você nasceu aqui...

Ah, eu nasci mas por um aborto da natureza (ri). Mas eu saí do bairro há muito tempo.

Pois é, e o que você sabe da história do bairro, da vida do bairro?

Ah, muita coisa, porque, por exemplo, não é assim também, né, eu não sou alienada da história do bairro, até porque, após o meu primeiro casamento, eu fui morar em Oswaldo Cruz. Foi por isso que eu fui trabalhar lá. Eu morava ali muito próximo à escola. Só que do outro lado. Mas assim, do outro lado mas não do outro lado [da estação] de lá, próximo à escola. Então, óbvio que eu conheci, eu, por exemplo, bairro, do subúrbio, que modifica muito pouco, que tem essas questões de modificações no dia a dia, eu acho superinteressante, Oswaldo Cruz é igual durante os meus 39 anos (ri). Você entra e sai, vai e volta, vai e volta, e está igual! A cor do portão da dona fulana de tal mudou e o filho casou e construiu em cima ou quem sabe está morando junto! Então é muito interessante você fazer uma leitura assim do panorama do bairro. Ali próximo eu tenho morando a minha tia, a minha avó. Eu tenho minhas raízes também em Oswaldo Cruz, só que é um pouquinho mais longe do centro ali da escola. É Oswaldo Cruz com a Henrique de Melo. É um pouquinho mais para Bento Ribeiro. Ali é Oswaldo Cruz também. Você nota muito isso. A casa da minha tia é a mesma coisa, mudou, cresceu um andar, porque o filho mora em cima, minha avó mora atrás (ri). A coisa de passar geração em geração, a coisa só vai fazendo um pouquinho assim [mostra o indicador e o polegar para dar a idéia de tamanho minúsculo]. E os vizinhos à sua volta, a maioria é assim, né. E não muda e não buscam melhoras para o bairro. É a tendinha do seu João está ali ainda, que está velhinho, mas está lá. Essa é uma característica que eu acho muito interessante.

Além destas características, há mais alguma coisa, porque é um bairro que não tem fábricas, não tem comércio...

Não tem. É um bairro realmente de moradores. Eles estão ali, engraçado, quando você entra, às 7:30h, chega ali no Buraco do Galo, estão todos os moradores saindo, indo para a estação. Você vê aquele monte de gente vindo, você está indo para escola e aquele movimento contrário. Então, na realidade, a Ana até coloca nas reuniões, quem mora em Oswaldo Cruz somos nós, né (ri). Eles não, eles vêm sábado e domingo passar o final de semana em Oswaldo Cruz (ri). A gente é que está ali mesmo, que vivencia, que passa aquilo tudo. É um bairro difícil de parcerias, porque você não, até uma época muito legal que a gente começou a contatar parcerias a gente não tinha muito... Onde procurar? Só se for a padaria do lado. Então isso dificulta um pouquinho, entendeu?

Entrevista:Nome: **Ângela**

Data de nascimento: 10/02/1959

Formação: Normal/Letras UFRJ/Especialização em Docência

Função: professora 4ª série

Onde nasceu e foi criada: Rio de Janeiro/Oswaldo Cruz

Bairro onde mora: Oswaldo Cruz

Desde quando está na escola: 1996

Data da entrevista: 26/05/2004

Ser professora, o que isto significa para você? Opção, acaso?

... Em princípio, imposição, porque pertencço a uma família tradicional, poucas mulheres e muitos homens. Todas são obrigadas a cursar o normal. Então eu fui cursar o normal obrigada, não por escolha própria. Eu queria na época fazer informática. Minha mãe não permitiu e fui estudar no Carmela Dutra. Eu sempre estudei na cidade, foi a minha primeira experiência estudar na zona norte. Eu sempre estudei no centro, até mesmo porque meus pais tinham um comércio no centro da cidade. E como eu fiz no Carmela, teve uma prova de seleção, montaram uma turma modelo, eu pertenci a essa turma, acabei sendo representante desta turma. Uma turma que começou a fazer estágio desde a primeira série e um estágio diferente das outras, porque nós tivemos contato com várias realidades, tipo [escola] Benjamin Constant, Apae, [escola Gabriela] Mistral, em escolas que tinham [método] Montessori, e eu comecei a gostar. Mas inicialmente, terminei o normal, passei no ano seguinte para a Federal, fui cursar Letras, já no terceiro período eu fui convidada por um professor para dar aulas num colégio de primeiro grau, agora se chama segundo segmento, antigo ginásio. Eu comecei muito cedo em sala de aula e em seguida passei para o segundo grau, eu dou aula de português até hoje. Em 1988...

Você dá aula em colégio aqui...

Dou aula agora na comunidade também, no Colégio Marrom, que é segundo grau. Em 1988 houve um concurso [do município] e pagaram a inscrição para mim. Eu fui ver não tinha para a minha cadeira, aí eu fui fazer para normal, professora de primeira à quarta, só para não perder o dinheiro e acabei passando. Eu não ia tomar posse, deixei pra lá, abandonei realmente. Um dia, à noite, recebi uma ligação, da Secretaria Municipal dizendo que ia caducar, todo aquele procedimento. Aí, à pessoa que me atendeu, agradei, mas eu disse que não ia comparecer. Comentei com a diretora do [colégio do] estado, e a diretora disse: “não, você vai!” Mas eu nunca dei aula para criança. “Mas vai ser uma experiência nova, você vai sim”. E eu me apresentei. Mesmo assim pedi prorrogação de posse por dois anos (ri). Aí, já findando, recebi uma nova ligação, que naquela semana eu teria que escolher uma escola. Aí a minha primeira experiência foi em Campo Grande, no CIEP Alegria, com crianças lá de uma favela lá, Caminho do Céu. Eu comecei a

trabalhar com essas crianças, no início como professora de apoio, mas por não ter uma experiência de sala de aula com criança, meu discurso era outro, então eu comecei a trabalhar a parte lúdica, a história, através da história, é... começar a desenvolver controle programático. A diretora ficou encantada com aquilo, ela não tinha visto aquele tipo de trabalho, mas eu fiquei lá somente dois meses. Depois eu fui trabalhar em Bangu, que foi cinco, seis anos em Bangu. Foi uma experiência diferente, que era dentro de uma favela, com crianças carentes e eu comecei a aprender com as crianças, essa foi a verdade. Eu comecei a aprender com as crianças, comecei a rever meus conceitos, eu comecei a freqüentar cursos, ler muito, a pesquisar, a conversar com outras pessoas, a buscar maneiras diferenciadas de dar aula. Não aquela aula tradicional e fui me encantando com o trabalho, depois eu pedi transferência e vim trabalhar na comunidade. Eu pedi transferência por problemas particulares, porque eu preciso estar perto da minha casa, meu pai tem um problema grave de saúde, eu preciso estar próximo até para dar um socorro imediato, e até hoje continuo. Já tenho, com o segundo grau, 26 anos. E por estar trabalhando na comunidade, surgem situações assim, tipo, esse ano mesmo, eu tenho uma aluna, aqui comigo, a Fulana, e a mãe da Fulana é minha aluna no segundo grau. Mas eu tenho sempre a preocupação de não permitir que as coisas não se confundam. Eu não permito que a mãe pergunte para mim nada que diz respeito à sua filha, se ela quiser conversar comigo ela tem que vir ao colégio. Trabalhar na comunidade também – eu deixo isso sempre muito claro para os meus alunos – que quando eu passo daquele portão... aqui na comunidade todos me conhecem como Ana e aqui no colégio eu sou a tia Ângela. Inclusive quando eu vim trabalhar aqui, aconteceu uma situação muito interessante, porque eu peguei uma turma de C.A., que era a minha experiência lá na zona oeste, eu trabalhava com C.A. levava até a primeira série e retornava ao C.A., então a maioria dos pais me conhecia e chegava aqui queriam falar com a Ana e apresentavam a diretora [que tem o mesmo nome]. Aí eles ficavam “não, não é ela não”, até descobrir que era eu. Então é muito comum isso aqui e eu deixo muito claro para os meus alunos e para os responsáveis também, porque a maioria aqui é meu vizinho. Mas em nenhum momento eu participo aos responsáveis o que acontece em sala de aula. Se quiser falar comigo como professora, tem que dirigir-se ao colégio. Eu sempre delimito esse universo. E vem dando certo, eu estou aqui há 8 anos, nunca tive problemas. Até mesmo por ser da comunidade, eu tenho um respaldo dos responsáveis por eles me conhecerem como pessoa. Eu vim morar aqui eu tinha 5 anos de idade. Eu tenho criança aqui que os avós me conheceram pequena com 5 anos. Então, acontece assim, quando o responsável pelo aluno vê na fichinha que é meu aluno, “Ih, já sei quem você vai pegar”, porque me conhece como pessoa e sabe até da minha posição, também tem a parte da Igreja, muitos aqui, nós freqüentamos a mesma Igreja. Eu tenho esse cuidado, de todas as segundas-feiras – uma vez eu até falei pra você participar – é todas as segundas-

feiras, o nosso primeiro momento, eu trabalho muito a cidadania com eles, o respeito, que nós temos que nos respeitar. É uma turma grande, você vê que a minha turma é grande, é um espaço até que provocam determinadas situações, mas nós conseguimos conduzir.

Como você vê o projeto político pedagógico da Escola Azul e o que você trabalha em sala de aula? Como vê esta relação?

Olha só, esse ano, inclusive, está sendo veiculado na televisão sobre a água, eu tenho até uma certa facilidade, por ser da comunidade, eu consigo... destacar determinados fatos, contar determinadas coisas, eu sei a história de Oswaldo Cruz, eu sei como iniciou a construção desta escola, o porque da construção desta escola, esses prédios, esse rio que não era aí, como era anteriormente, antigamente, que esse rio tinha peixe, sobre até o encanamento daqui que estourou. O projeto desse ano, que nós estamos trabalhando, é interessante porque as crianças se conscientizam, eles levam isso pra casa, você consegue trabalhar a criança, e você consegue ter o retorno, e o próprio responsável: “Ih, eu estou mudando meus atos”, porque de tanto ficar insistindo...

... como é que você vê os alunos aqui da escola? Os seus e os outros alunos em geral?

... em que sentido? De aprendizagem, de...

Em todos os sentidos. Em relação à aprendizagem, à relação com os professores e os outros colegas...

Eu, como conheço outras comunidades, até mesmo por conta da Igreja, eu pertenço, eu sou uma das fundadoras daqui da São João Evangelista, eu ajudei a construir, aqui na Pereira de Figueiredo...

Mas isto é...

Igreja Católica. Eu agora estou lá na Nossa Senhora Medianeira. Apesar de nós termos vários credos religiosos dentro da sala de aula, nós respeitamos muito isso. Eu inclusive vou à Igreja de outras crianças, para que eles percebam isso... Ah, sobre as crianças! Uma vez, teve um questionário aqui, aí teve um colega que disse assim, que a comunidade aqui era carente. Eu falei: alto lá! Discordo. Eu pertenço à comunidade. Eu posso dizer que eu vim pra aqui eu tinha 5 anos, eu tenho 45. Então, eu mais do ninguém, eu vi crescer Oswaldo Cruz. Eu não considero Oswaldo Cruz uma comunidade carente. Eu não considero [os alunos da] Escola Azul, crianças carentes. Nós temos crianças carentes? Temos. Mas podemos generalizar? Não! Não, porque...

O que você está chamando de criança carente?

Criança carente pra mim é aquela criança que não tem alimentação, que não tem lazer, que não tem nem o material didático básico para vir pro colégio. Eu conheço comunidades assim. Eu até conto para as crianças aqui, para que eles até valorizem o que eles têm, o que é dado para eles em termos dos pais, da escola. Eu conheço

comunidade assim, de crianças que são muito diferentes, crianças de passar mal numa sala de aula, não conseguem aprender nada porque ela não tem uma alimentação, a alimentação dela é zero.

Voltando aqui para a Escola Azul...

Na Escola Azul, a minha filha, até o ano passado, estudava na Escola Azul.

Ela tem quantos anos?

Ela tem 9 anos. Ela fez aqui educação infantil, os dois anos de educação infantil, o C.A. e a primeira série. Agora que ela está em outra escola... Por que eu tirei daqui, quer saber?

Interessante saber...

Interessante?! Por que eu tirei a minha filha daqui? Porque infelizmente, existem pessoas que acham que o rendimento da criança está ligado, diretamente ao responsável por essa criança, no caso eu que sou a mãe. E começaram a surgir determinados comentários, desagradáveis. Então eu peguei e tirei ela do colégio, porque ela é criança e antes que chegasse ao ouvido dela, eu preferi tirar, mas se eu não tivesse confiança no trabalho das minhas colegas eu não tinha tirado a minha filha de uma escola particular – que ela estava numa escola particular – e trazido pra Escola Azul.

O problema foi o disse-me-disse...

É, não entre as colegas, mas por pertencer à comunidade a gente ouve. Sempre chega.

Ah, o problema veio da comunidade...

Da comunidade. Daqui, mas de maneira alguma! Ela estaria aqui até a 8^a.

E os alunos em geral, você ainda não falou...

Olha só, são crianças que tem rendimento acho que adequado à idade, interessadas, que você encontra o retorno. Eu sempre acredito no meu aluno. Eu estou sempre buscando mais com eles. Eu estou sempre envolvida com a turma, sempre apostando na minha turma. É claro que não existe a turma perfeita, isso não existe. Vai acontecer daquele aluno que vai ter dificuldade? Vai! Mas eu estou sempre acreditando no meu aluno. Eu não consigo vislumbrar assim, ah eu vou dar uma aula diferente porque ele não vai conseguir, eu não vejo assim. Eu estou sempre dando o meu máximo pra eles, para que eles, dentro da alimentação [?] de cada um retire o máximo deles. Vai acontecer diferenças? Claro! Olha só, no ano passado eu tenho uma aluna aqui que ganhou bolsa de 100% no [colégio] Santa Mônica. Está lá! Uma outra menina ganhou 60[%]. Minha antiga 4^a série, do ano retrasado, uma foi para o colégio militar, uma está no Santa Mônica, outra foi pro Lemos de Castro. Vieram de onde? Escola Azul. Então eu estou sempre acreditando.

E como é sua relação com os responsáveis?

O que eu falei pra você. Por ser da comunidade, até tem uma certa diferença em termos do que eles vêm falar comigo. Porque uma coisa é você falar com o professor que vai embora, outra coisa é você falar com o professor que mora exatamente na mesma rua que você.

Como você avalia esta relação?

Boa. Nunca tive problemas. Inclusive ontem na reunião de responsáveis, teve um responsável, conhecido meu, de criança, ele perguntou como ia o comportamento. Eu falei para ele, você conhece quem você tem em casa? Ele falou: “conheço”. Então pra que eu vou falar sobre isso? É normal, tem criança que fala muito, tem criança que não fala nada. Agora, eu permito que a coisa... evolua? Não! Você esteve aqui e você viu. Eu só olho. Eu só olho pro meu aluno. Eu só olho para ele. Porque antes eu até conversei com ele, trabalhei antes com ele.

E a relação da escola com a comunidade?

Eu acho boa, porque essa escola aqui é muito procurada. É ponto de referência mesmo. Inclusive eu tenho alunos aqui que moram na Praça Seca, em Valqueire, em Madureira. É uma coisa que vai longe do bairro. E é uma escola procurada, muito procurada. Tanto que é difícil para o aluno conseguir transferência para aqui. O nosso aluno, ele está aqui desde a E.I., está desde a E.I.

Você disse que conhece a história do bairro. Fale um pouco sobre esta história, sobre o que você acha importante, significativo na história do bairro...

O samba! (ri) Porque, olha só, aqui estes conjuntos, está inserido a escola. Eram dois campos de futebol enormes. Então, onde é a UERJ, lá em baixo, perto da Mangueira, era a favela do esqueleto. O que aconteceu, houve o projeto de construção da universidade ali acho que foi escolhido Oswaldo Cruz, porque estes conjuntos, eles foram construídos assim, dia e noite, sem parar, mas sem parar mesmo! Sem parar mesmo! O canteiro de obra era aqui na D. Vicência, ali era paralelepípedo, ali é que foi o canteiro de obras, essa construção foi dia e noite. Então aquela favela do esqueleto, o projeto era vir pra cá. Só que não foi bem assim que aconteceu não. Eu sei de histórias aí de pessoas que ficaram lá para serem cadastradas e vieram pra cá, depois pessoas que conseguiram apartamento aqui venderam, passaram pra outros. Então estes apartamentos foram construídos dia e noite, a obra não parava...

Todos esses blocos?

Todos esses blocos.

Uma parte, pelo menos, vem da favela do Esqueleto...

Da favela do esqueleto. Eu creio que a favela do esqueleto é essa parte de trás aqui. Esse rio não era ali. Esse rio, ele passava

exatamente onde, não tem a pracinha? Ele passava por ali, era estreitinho, tinha uma, o pessoal chamava de pinguela, era de madeira, era de tábuas, quando você passava aquilo tremia tudo. Esse rio tinha peixe e as pessoas pescavam ali em cima da ponte da João Vicente, ficavam pescando de vara, um peixe que o pessoal daqui chamava de cambotá, era um peixe que tinha uns bigodes. Quando chovia, isso aqui enchia tudo. Mas enchia mesmo. Tanto que a minha casa é mais alta que a [rua] Cataguazes, que já é alta, um metro e treze centímetros e na última grande enchente do Rio de Janeiro entrou água dentro da minha casa. Para você ver como esse rio era estreito. Quando foram feitos esses apartamentos então, fizeram esse rio aí para colocar o esgoto dentro dele – eu acho isso supererrado – depois desviaram o rio para dentro desse outro que você conhece e depois foi aterrado. É onde é o Oswaldão, onde o pessoal chama de Oswaldão, ali na pracinha, na d. Vicência, aquilo ali é invadido, é uma área invadida. Aquilo ali foi aterrado com ferro de fundição de transformador, transformador de rua. Vinham uns caminhões e jogavam ali para aterrar. Aquelas construções ali ainda não ruíram porque é tudo uma do lado da outra. Porque se fosse casa construída com quintal já tinha tido casa comprometida ali. Inclusive eu tenho alunos que moram ali que dizem que parede ali racha. Eu falei: você sabe por que? Porque ali é área de fundição.

E esta história do samba?

O samba era aqui na Cataguazes, não, estou mentindo, aqui na d. Vicência, tinha o flamenguinho, era uma casinha para as pessoas se reunirem, negócio de futebol, aí tinha o Rosa de Ouro ali em cima, que tinha um pessoal da Portela, tinha a tia Noca [Doca?], mas Rosa de Ouro foi indo, foi indo, acabou, aí foi pro outro lado. Quem sabe contar muito a história do samba é Careca, sabe mais do que eu. Careca você chama de Fininho, Vanderlei, ele tem vários nomes, você pode escolher um. Ele sabe mais esta parte porque ele está muito envolvido. Por exemplo, dali da rua, eu via sempre Paulinho da Viola, Beth Carvalho, que ficavam aqui na Dona Vicência, aí depois teve esse projeto do trem do samba e a coisa foi crescendo, era um trem, agora são três. Começou com um, passou para três e já tem projeto para 5. Eu sou do tempo que a Portela, quando acabava o desfile lá do centro eles desfilavam lá do outro lado, na rua Carolina Machado, que tinha coreto. O Bloco das Piranhas, de Madureira, passava aqui na Cataguazes! Eles iam na minha casa tomar água. Minha mãe já conservava aquelas garrafas todas para dar para os rapazes, que a maioria era daqui da nossa comunidade que ia desfilar. Então isso é uma história antiga que foi crescendo de uma outra maneira, agora já está para Madureira. Ainda lembro desta parte, do desfile aqui do outro lado, da Portela e a confusão da Portela com o Império. Quando eu era criança era feia!

Você participa das atividades do bairro, faz alguma coisa?

Anteriormente, até participava aqui, da Portela, que era do outro lado, tinha coreto... Quando os apartamentos começaram a ser habitados, muita coisa começou a mudar, porque o meu muro era baixo agora o meu muro tem mais de dois metros. Porque aqui todo mundo se conhecia. Todo mundo se conhecia. De repente, nós recebemos um número enorme de pessoas que nunca tínhamos visto, que não eram, não tinham assim, que não eram nascidas aqui. Porque a maioria daqui, todo mundo, ou vem pra cá muito pequeno ou nasceu, cresceu, casou e está aqui até hoje. Está aqui até hoje. Então, na rua onde eu moro, a Dona Vicência, todos se conhecem. Todos se conhecem. Na rua Cataguazes, muitos morreram, outras pessoas vieram, já não é a mesma coisa. Era comum aqui, Natal, depois da meia-noite, todos nós íamos para a rua, com o que nós tínhamos em casa, e todos ficávamos juntos. Nós não podemos mais fazer isso. Era comum, no verão, todos ficarmos na porta de casa. Nós não podemos mais fazer isso. Por que? Porque a comunidade, ela cresceu de uma maneira que você não sabe mais quem é. Porque antigamente todas as casas eram próprias e agora, o que está acontecendo? Muita casa alugada.

Mas tem a televisão que prende muito as pessoas em casa...

Mas mesmo assim, era comum, depois que as casas passaram a ser alugadas, as pessoas começaram mais a ficar, são poucas as pessoas, só uns pedacinhos ainda da rua que as pessoas, mas as pessoas ficam ali...

Entrevista:

Nome: **Aninha**

Data de nascimento: 05/10/1990

Formação: 7^a série

Situação: aluna, diretora do grêmio

Onde nasceu e foi criada: Rio de Janeiro/Oswaldo Cruz

Bairro onde mora: Oswaldo Cruz

Desde quando está na escola: 1995

Data da entrevista: 26/05/2004

Como é estudar na escola Escola Azul?

Ah, como é que é estudar aqui... Desde que eu entrei, tem muita diferença de quando eu entrei aqui. Agora eu não quero nem mais sair, eu quero, não sei, eu não quero nem mais sair daqui. Eu queria que aqui tivesse o primeiro ano (ensino médio), assim, de noite, para eu poder vir pra cá. Eu não quero sair daqui.

Por quê?

Eu já me adaptei muito aqui, às pessoas, o jeito... não sei, eu não quero ir pra outra escola.

Explica um pouco melhor o que você acha de interessante aqui que faz você gostar tanto.

... a educação, o modo que as pessoas me tratam aqui, não só comigo, mas com os alunos...

Você se refere aos professores, à direção...

Aos professores, à direção.

E os colegas?

Os colegas também. A disciplina, o comportamento daqui da escola, como... como eu comparo essa escola com outras, eu vejo que é bem diferente esta escola.

Como assim?

Aqui... deixa eu ver. Aqui você chega e fala assim: “ah, eu não quero fazer o trabalho”, e a professora: “não, tu tens que fazer”. Em outra escola o aluno fala que não quer fazer o professor diz: “ah, não faz, o problema é seu, se vira”, fala assim mesmo. Eu estou cansada de ver isso.

Fala um pouco de seus professores. Como você vê seus professores.

... Ah, os professores são muito... muito legais, muito bons, mesmo... Todos são legais, interessantes.

Como é a aula deles? Você destaca algum?

Eu destaco a D. Adélia, D. Fulana, D. Anita, destaco bem elas são professoras, assim, que sabem dar aula bem, é boa como professora e como pessoa mesmo.

O que você aprende aqui serve para a tua vida, tem a ver com a tua vida, tem a ver o teu bairro...

Serve! A escola é o lugar que eu passo mais tempo, as pessoas da comunidade, a maioria, não todos, estudam aqui...

Mas o que você aprende aqui você vê alguma ligação com a sua vida aí fora?

... educação, modo de falar...

Você participa dos cursos extras que a escola dá?

Do IBEU, que isso foi a prefeitura que ofereceu para escola, aula de dança, o núcleo de adolescente, com a professora Andréia, vôlei...

E você está no grêmio desde quando, por que começou a participar?

Desde o ano passado, foi em maio, eu acho, que eu tomei a posse no grêmio...

O que vocês fazem no grêmio?

A gente ajuda a escola, dá umas idéias, vê o que os alunos estão precisando, dá opiniões...

O que te fez participar do grêmio?

A escola, o jeito, eu acho assim, eu fiquei muito apegada à escola, eu estou muito apegada à escola, não sei, com isso, eu quero melhorar a escola, quero estruturar bem mais ela do que ela é...

O que você sabe da história do seu bairro, sendo nascida e criada aqui? O que vocêalaria para as pessoas sobre o bairro de Oswaldo Cruz, para explicar como é o bairro, o que ele tem de curiosidade, importância?

... das escolas?

O que o bairro tem de importante? Se você tivesse que contar para alguém sobre o bairro, que ele é assim ou assado, aconteceu tal coisa...

... não sei... aqui não é um bairro violento... mas eu acho que aqui as pessoas têm que se educar mais porque... aqui tem muita falta de educação, principalmente aqui no “apê”...

Aqui onde?

No “apê”, aqui no “apê”.

Ah, no conjunto?

É. Aqui... está faltando mais escolaridade para as pessoas...

O que você chama de falta de educação?

Lixo, jogar lixo dentro do rio...

O que você gosta de fazer no bairro, de se divertir...

Jogar vôlei, eu adoro jogar vôlei, brincar na rua. Lá do outro lado mesmo tem uma quadra de vôlei, que é da prefeitura também...

Você mora do outro lado?

Não, desse lado. Aí a gente vai pra lá, joga, quem quer, participa, tem também Madureira, que agora está em obra (a praça), tem essa praça aqui também...

E em termos de música, dança, que tipo você gosta?

Gosto de *hip hop*, não gosto muito de *funk*, gosto de música gospel, dança contemporânea, como eu faço: *street dance*, balé, pagode, samba...

Entrevista:

Nome: **Ana**

Data de nascimento: 11/08/1948

Formação: Escola Normal/Contabilidade

Função: diretora

Onde nasceu e foi criada: Rio de Janeiro/Tijuca

Bairro onde mora: Vila Valqueire

Desde quando está na escola: 1977

Data da entrevista: 12/05/2004 e 18/05/2004

[Antes de começar as perguntas, Ana começou a falar]

Minha relação com a escola é bastante antiga. A gente tem uma história juntas porque eu já sou aposentada, já sou aposentada e, eu, comecei, quer dizer, professora desde 1968, me aposentei com quase 28 anos de magistério e eu comecei a minha, dentro da rede, numa escola muito diferente dessa, que era uma escola... de morro, uma escola na favela. De lá eu...

Onde era essa escola?

Lá em Coelho Neto. De lá eu vim pra cá em 1977...

Esta escola foi inaugurada neste ano...

Esta escola foi inaugurada em 15/03/1977. Começou a funcionar em 15/04/1977, porque, da inauguração até a escola estar com uma equipe pra começar a funcionar, levou um mês mais ou menos. Então ela começou em 15/04/1977. Ou seja, [estou há] 27 anos.

E a direção...

É, aí eu vim, professora, né, trabalhei como professora até 1990. E aí em 1990 eu tinha na escola uma colega e nós trabalhávamos juntas há algum tempo, sempre naquela mesma linha de trabalho. Já em 1990, ainda não se falava em multieducação, não se falava em novas linguagens, novas tecnologias, mas a gente buscava um caminho diferente para trabalhar. Pedagogicamente nós usávamos o mesmo critério em nossas aulas. E foi assim que eu achei que ela pudesse ser diretora da escola. Não sei se você sabe mas, diretor da escola hoje é eleito, tem mandato eletivo que era de 2 anos e agora é de 3. Então eu achei que ela pudesse dirigir a escola. E aí eu pedi que ela assumisse a direção da escola, ou seja entrasse na chapa na eleição. Aí ela fez, mas com a condição...

Quem era?

Era uma professora da escola, a Fulana, trabalhava comigo, e ela aceitou na condição que eu fosse sua adjunta. Eu não tinha pretensão alguma de sair daquilo que eu fazia e que eu gostava muito. Aí ela me pediu se eu, estava bom ela até concordava desde que eu fosse sua adjunta. E então nós tínhamos uma direção na escola e ficou então uma chapa da situação e nós fomos oposição naquele momento. E aí a gente ganhou, eu acho que a comunidade estava querendo aquela mudança naquele momento, e a gente ganhou, assim, por uma quantidade de votos enorme. Aí eu fiquei adjunta por dois anos. No final de 2 anos, ela, por outros motivos, ela não quis permanecer, foi um acordo da escola com ela, e aí, a

escola, todos os professores me pediram que eu me candidatasse e eu me candidatei e estou aí.

E o projeto político pedagógico? Qual sua importância e onde vocês querem chegar?

Esta questão do projeto, ele no momento, a Aída já falou com você?

Já.

É. Isso é uma história, né, porque quando, nessa época que nós chegamos na escola, encontramos, assim, uma escola azul e cinza, a escola era pichada desde o teto até o chão, os banheiros todos pichados, funcionários que não, não, não limpavam a escola. A escola tinha funcionários mas, ou seja, as pessoas não tinham compromisso com a escola. O aluno não era comprometido com a escola, o funcionário não era comprometido com a escola, o responsável não era comprometido com a escola. Tinha uma distância entre o pai e a escola, o aluno e o professor, o diretor e o professor, o diretor e o aluno. Então, nós encontramos essa escola nesse, pegamos essa escola nesse... Enquanto diretora começamos a conquistar algumas coisas. Depois enquanto diretora, enquanto adjunta, e depois enquanto diretora, comecei a bancar, me incomodava muito a questão da escola. E aí começamos a discutir essas questões, né, porque ninguém pode gostar de estudar, de trabalhar num local pichado, lugar sujo, onde o servente não, não limpa o chão, não varre a sala, onde o lixo está amontoado, a lata de lixo está transbordando... nem eu gostava de trabalhar e não estava gostando de trabalhar num local desse. Mesmo que a minha sala fosse limpa eu preferia, de repente, que a minha não fosse e que a do aluno fosse. Acho que, de uma maneira geral, a escola tinha que ser toda limpa. E aí a gente começou a discutir essas questões de meio ambiente mesmo. Ou seja, o trabalho da escola sobre meio ambiente é bastante antigo. Então a gente começou a discutir isso aí. Pra sorte minha, naquela época nós tínhamos um projeto aqui que chamava de Projeto de... educação para o trabalho, porque como você vê, nós temos algumas salas que são salas ambiente, preparadas para isso. Sala de educação para o lar, sala de técnicas agrícolas, sala de artes industriais, então nós tínhamos um trabalho na escola. E eu estava iniciando um trabalho com o professor Fulano, que era um professor de Técnicas Comerciais. Nós estávamos conseguindo, colocando máquina de escrever para que a Beltrana, que era outra professora de Técnicas Comerciais, começasse a oferecer cursos de datilografia para os alunos. E por intermédio desse professor eu conheci o professor Orlando, que foi convidado a fazer uma hora extra aqui na escola pelo professor Fulano e o Orlando para trabalhar com Técnicas Agrícolas. Aí o Orlando chegou na escola. No que o Orlando chegou na escola, a gente, com a visão dele de técnicas agrícolas, de meio ambiente, formado em escola agrícola, a gente começou a conversar com ele sobre essas questões. Porque a gente estava mais preocupado, naquele momento, com a questão do meio ambiente escolar. Mais

tarde que passou a falar de uma maneira mais ampla de meio ambiente. Mas naquele momento: meio ambiente escolar! Que ele não era um facilitador da aprendizagem, ele atrapalhava muito isso. E aí a gente começou a bancar o trabalho junto com o Plínio, a mostrar a árvore do lixo, e aí ele apanhava o lixo derramado nas salas de aula e montou no meio do pátio uma árvore com todos os papéis de biscoito, copo, lata, e aí a gente começou a montar e a... incutir essas questões ambientais para as crianças. A gente começou a perceber e a prefeitura começou a jogar a questão do projeto pedagógico da escola. Toda escola estar amarrada num projeto onde a comunidade como um todo: aluno, professor, direção e comunidade em geral, responsáveis, funcionários, estivessem participando desse projeto. Era tudo que a gente precisava então para amarrar essa questão, né, do funcionário, começamos a discutir com o funcionário porque ele não varria a sala, que o lixo estava derramado, o refeitório estava sujo, e aí começamos a discutir com o professor porque o aluno não estava sendo conscientizado para manter a sala limpa, e como o aluno, porque ele estava sujando. A gente começou a levantar toda essa questão, e aí a gente criou o projeto político pedagógico chamado “Transformação”. Todos nós buscaríamos essa transformação na escola. Ou seja, o funcionário a limpar, o aluno a zelar, o professor a perseverar em cima da limpeza e a direção da escola iria bancar então uma escola diferente. Aí nós começamos a pintar os corredores, salas, montar salas claras, na cor areia, botar a salinha do jardim na cor amarela, na cor verde, começamos a pintar porta de marrom, começamos a fazer parede... com esse trabalho que nós temos aí de texturização. Aí a gente começou a mudar pra podermos chegar num projeto que deve ter levado de 3 a 5 anos para acontecer. Agora já saiu, a escola já se transformou, o projeto já durou o tempo que tinha que durar e a gente já entrou em novos projetos. Já fala de meio ambiente de uma forma mais globalizada, já sai dos muros da escola, já se fala no Rio das Pedras vizinho mais próximo da escola, já se fala em questões ambientais como a minha aluno que foi à Brasília participar da Conferência do meio ambiente. Está participando hoje, junto ao CREA do 6º movimento das águas, que esse ano é um ano que até a Campanha da Fraternidade é baseada em cima da água. E aí a gente começou a despertar essa consciência, e vai tocando aí.

Como são os alunos da escola?

Os alunos são como todas as outras escolas. A gente tem todos os problemas possíveis, junto com eles. Eu, eu, Ana, eu tenho uma visão diferente, um pouco diferente, do professor de sala de aula. Diferente em termos, né, só estou falando diferente porque o tratamento que ele [o aluno] tem comigo e eu tenho com ele, é diferente do que o professor tem com ele e ele com o professor. Por que eu digo isso? Porque são 27 anos dentro dessa escola! Então eu fui professora dos pais de muitos alunos. A escola já está na terceira geração. É muito mais fácil pra mim, eu acho que hoje a gente tem um nível de respeito, eles me vêem como realmente o... o centro da

escola, eles têm clareza disso. Por um lado, não é bom pra mim. Eu me sinto assim, é... eu que tenho que encontrar estratégia pra zangar, pra brigar, pra punir, pra... acaba voltando pra mim essa questão. Mas eu não encontro nesse aluno, eu não consigo, não aconteceu até hoje neste tempo todo, um aluno que me desrespeite, um aluno que não, não... entendeu? Que não me tenha como diretora da escola. Eu acho que eu não tenho essa visão desse aluno, eu acho que é muito fácil lidar com ele. Eu acho que pelo entendimento nós vamos chegar lá. Eu procuro mostrar para eles que, por um lado eu sou assim muito... muito rigorosa, muito rígida, mas eu tenho um outro lado em determinado momento que a gente conversa, eu faço reunião com eles, então eles me vêem como esse, esse... elo entre o professor e a arte que eles possam fazer. Mas eu acho que, de um modo geral, a comunidade não é uma comunidade pobre, não é uma comunidade de favela, todos eles vêm de uma casa de saneamento básico, água, eles têm acesso aos meios modernos de comunicação, então eu acho que eu não tenho essa dificuldade com eles, não.

E os responsáveis?

Da mesma maneira que acontece com os alunos, acontece com os responsáveis. A “dona Regina” já é uma referência. “Não porque a senhora pode fazer porque a senhora é mãe”, “não porque a senhora pode fazer porque...” Eu já fui professora da mãe dele, já fui professora do pai dele. O pai dele já passou por aqui, ou seja, não é difícil. O que hoje está acontecendo e a dificuldade que a gente tem hoje na escola é a falta desse responsável. Hoje, o que me parece, com a experiência que eu tenho, a mulher quis muito conquistar o seu, o seu lugar ao sol, mas ela, de repente, não estava preparada para trabalhar as questões dela da casa, da família. Por um outro lado, o pai também, se desligou muito da família. É raro – nós fizemos uma enquete na escola – um aluno que tenha sua família estruturada, ou seja, pai, mãe e ele como filho. Então não tem, o pai não vive mais com a mãe, ele não tem contato ou ele tem contato muito pouco com o pai, a mãe foi à luta, saiu para trabalhar e ele vem pra escola! Então, o tempo que a mãe tem para vir à escola é um pequeno intervalo de trabalho, quando ela é liberada do trabalho, que é muito complicado isso de acontecer. Então, o que acontece, a escola hoje educa, a escola transmite cultura e a gente está cada vez mais assumindo o papel desse responsável que não está presente na vida desse jovem. Nesse ponto eu sinto muita dificuldade. Antes o pai, a mãe era muito mais presente. O que hoje a gente ainda consegue aqui, através do Conselho Escola Comunidade. A gente convida a comunidade para participar desse projeto e convida a comunidade para participar deste Conselho Escola Comunidade que tem na escola.

Como está sendo esta participação?

È, já houve, né. Em 4,5 e 6 de maio foi a eleição. O que é isso? O aluno é candidato, o pai, o responsável é candidato, o funcionário é candidato, o professor é candidato. Então, aluno vota em aluno,

responsável em responsável, professor em professor e funcionário em funcionário. Nós fazemos a eleição na escola e tiramos esse Conselho Escola Comunidade que é um conselho sem fins lucrativos, ele é pessoa jurídica, é registrado em cartório e através dele nós recebemos verbas públicas.

E ele tem o papel de fiscalizar essas verbas?

Ele tem o papel de... ele, ele opina, ele participa, ele não tem a função de julgar, comprometer, mas ele tem a função de opinar. As prestações de contas, vamos... botar um circuito de água gelada: eu faço isso com ele, nós buscamos 3 propostas, assim compro o mais barato, como nós vamos distribuir esse gasto, como nós vamos gastar aquela verba, com o que, na hora da prestação de contas, é com esse... esse CEC é o nosso principal parceiro.

Além do CEC, explique melhor como é que se dá a relação com a comunidade. Por exemplo, ano passado houve um *brunch* num sábado que foi oferecido para a comunidade. Como se dá a relação com os responsáveis?

A relação com o pai hoje é uma relação complicada porque ele não destina um tempo maior pra criança na escola. Este *brunch* é uma forma de trazer esse pai para a escola. É um projeto Escola-Comunidade, a comunidade é convidada, vai junto com a criança, participar de um café, de um almoço, de oficinas, de atividades na escola. Não do aluno, da família, não é o aluno na escola é a família na escola. Agora, é isso que eu digo para você, não é tão fácil assim, porque hoje a família [não] está presente o tempo todo...

E as oficinas que vocês estavam oferecendo...

É, como que a gente resgata isso? A Elvira tem uma oficina na escola de reaproveitamento de materiais, nós ensinamos artesanato para as mães, a professora Eneida de Educação Física faz, terça e quinta uma oficina de ginástica, com alongamento, ela faz caminhada de manhã com as mães. Nós buscamos essa parceria para cada vez mais trazer a mãe para a escola.

E os representantes da comunidade? Existe uma relação, por exemplo, com a associação de moradores?

Existe. A associação de moradores é um parceiro da escola. Ela está sempre... buscando. Tem reuniões na CRE com a associação... Uma pena que às vezes eles descambem muito para o lado da política, aí querem buscar o espaço da escola pra... pra trabalhar esta questão e aí a escola ela fica à parte da religião, ela fica à parte da política, ela trabalha o pedagógico o tempo todo, o cultural o tempo todo, diferentes linguagens o tempo todo. A gente fala de cidadania, muito mais do, a gente não entra no mérito da religião, a gente trabalha cidadania e não entra no mérito da política, quer dizer a escola fica dentro do enfoque pedagógico mesmo.

Mas... na questão do projeto político pedagógico, fala da relação da escola com a vida, se a religião e a política fazem parte da vida, como é que a escola pode...

Não, é porque a gente tem que ter esse cuidado porque hoje a gente tem, são 900 alunos. A gente tem aluno que tem a religião muito viva pra ele, muito presente, a gente tem aluno que não tem religião nenhuma, a gente tem aluno que esconde a sua religião, a gente tem, se nós é... permitirmos isso, muitas vezes a religião ela... ela invade o nosso espaço. Vou te colocar um exemplo: no final do ano, o Jardim, os pequenininhos, um exemplo, o padre Marcelo Rossi está no rádio da... da população, não é? Se você colocar uma musiquinha do padre Marcelo Rossi, tem mãe que não deixa o aluno participar porque ela diz que ele [o aluno] não é católico. Ela não vê a religião como um processo ecumênico. Hoje a gente já tenta buscar isso aí, a gente já mostra pra eles que eles que estão no poder estão se unindo, pra mostrar que religião não é eu acreditar na minha, eu buscar a minha e acabou! Então, eu tenho mãe que não permite que a criança saia de soldadinho na escola no dia do soldado! Porque a religião dela não permite! Tem mãe que não permite que a criança venha participar de um bailezinho de carnaval que nós fazemos na véspera do carnaval, porque a religião dela não permite! Então, qual é o foco que a gente dá para isso tudo? Sem entrar no mérito do... do catolicismo, do protestantismo, nós falamos em ética e cidadania. Nós trabalhamos a questão da amizade, do companheirismo, da solidariedade, da união, da confraternização e aí a gente não entra no mérito do santo, comemorar isso, comemorar aquilo, santo isso, santo aquilo. A gente trabalha uma coisa mais dentro da ética e da cidadania, dá para perceber? A gente evita entrar no mérito da religião.

Bem e isto tudo faz parte da vida do bairro. Como é a história do bairro – eu sei que seus pais moram aqui – e quais as características, curiosidades do bairro?

É, moram, apesar de não morar aqui, eu faço parte da comunidade. Esse... é, esse lado, esse pedaço onde a escola está inserida, eram três campos de futebol, um pântano, um lugar que as pessoas jogavam bola. Então, naquele tempo, a Companhia de Habitação do Estado do Rio de Janeiro construiu os prédios. Uma coisa que aconteceu aqui é que eles construíram, usaram toda a área com essas construções mas eles não deixaram um espaço para área de lazer. Eles utilizaram todo o espaço com os prédios. E aconteceu que a comunidade ficou sem um espaço. Ela ficou amontoada de prédios de 5 andares, com 40 apartamentos por prédio, amontoada sem um espaço. O que a gente fez, a gente transformou, abriu a quadra, a gente cedeu espaço. Então hoje, a referência do local é a escola. E a gente busca uma discussão com eles dentro desse projeto da escola hoje, que é fazer com que a comunidade entenda que ela tem que abraçar este espaço.

Estou me lembrando de uma conversa sua com os professores de Educação Física sobre a questão do alambrado acima do muro, que você mostrou preocupação com o pessoal que anda pulando o muro. Como é que é isso?

É, não, a gente está buscando a questão do alambrado porque o outro lado da rua é o rio Das Pedras. E o que acontece? O nosso muro é muito baixo [+ou- 2,5m]. Então a bola do jogo de vôlei, a bola do jogo de futebol vai embora pelo rio! Ela vai direto, se jogou a bola mais alto, e se perde material de educação física e nós temos cuidado. Fora isso nós temos uma de 400m², que era uma área abandonada na escola e que essa área era... lugar de pular para se esconder, era mato. Nós desenvolvemos essa área como um espaço de meio ambiente dentro desse projeto de educação ambiental e uma horta. Então hoje a gente já tem a preocupação da escola estando fechada, deles pularem o nosso muro para utilizarem esses espaços, porque são espaços próprios para a escola. Porque a quadra a gente já tem um acordo, inclusive com a Associação de Moradores, que num determinado período a gente abre, a moradora [da escola] abre o portão e entram os senhores, futebol, casados e solteiros, eles já entram com um filho de bicicleta, com um filho de patins. Enquanto o pai joga bola ele vem para a escola. Tem um período, no domingo, que a gente abre esse espaço para a comunidade. Agora o que nos preocupa é que esses espaços onde a escola investe, como a questão da horta que depois o produto da horta volta para a merenda escolar, até para o aluno perceber que aquele alface não contém agrotóxico, aquele tomate... ele viu, desde a hora da sementeira, onde ele começa semeando até que ele passa para o canteiro e que vem para a cozinha da escola. Isso aí é um processo que acontece, de trabalho pedagógico. A nossa preocupação é que eles entendam que esses espaços não são determinados para a comunidade.

E a questão do projeto cultural? A escola interfere na comunidade de alguma maneira?

Oswaldo Cruz é um bairro meio pendurado em Madureira. O centro mesmo é Madureira, não é Oswaldo Cruz. O que a gente discute, trabalha muito na escola, além das questões ambientais, é a questão de Oswaldo Cruz fazer parte de uma história do samba, toda uma questão aí que está muito próxima do nosso aluno. O bairro tinha uma escola de samba, que hoje não tem mais, mas que vive em função desse dia do samba, que acontece em Oswaldo Cruz e que a gente discute muito com eles. Tanto que a gente juntou estas duas questões para o nosso dia nacional do meio ambiente. Porque todo mês de junho, a gente encontrou uma maneira de falar para a comunidade sobre meio ambiente, fazendo um carnaval fora de época. A gente faz o que a gente chama de “azulreta”, é um carnaval fora de época, onde a gente sai falando de meio ambiente como uma escola de samba, tudo feito pelo aluno e tal. Agora eu acho que ainda falta a gente ampliar essas discussões mais com Madureira do que com Oswaldo Cruz, porque Oswaldo Cruz é um bairro muito pequeno. A gente busca esse movimento cultural junto com o SESC

Madureira, a gente vai procurar outros parceiros que a gente não encontra em Oswaldo Cruz. Porque a escola, a fala pedagógica da escola é intensa. A gente tenta respirar o pedagógico diariamente. Encontra resistência, encontra dificuldade, encontra aquele professor que não está comprometido, como toda escola. Mas a gente banca essa discussão na escola. Então a escola participa de... estaria aqui relatando uma quantidade de projetos culturais que a escola participa. Ontem mesmo a escola foi ao Teatro Carlos Gomes participar da orquestra sinfônica, a escola nos projetos em cima do núcleo de adolescentes multiplicadores que fala de sexualidade no SESC de Madureira, a escola vai à biblioteca da Praça Seca. A escola sai buscando, agora de que maneira a gente vai conseguir trazer até Oswaldo Cruz, a gente esbarra em muitas questões. A gente ainda não conseguiu uma... uma representatividade no bairro que bancasse junto com a escola essas questões. Por isso a escola sai e vai buscar fora.

No dia 16/05/2004, seis dias depois, quando eu já havia entrevista mais 3 pessoas depois dela, Ana vem falar comigo dizendo que queria dar uma “declaração de amor” à escola, porque na entrevista ela tinha falado muito de trabalho e não dos sentimentos que tinha em relação à escola. Aproveitei para acrescentar perguntas.

Qual é a diferença da Escola Azul para outras escolas que você trabalhou?

Você não vai ficar muito satisfeito com a minha resposta não, porque antes da Escola Azul eu só trabalhei em um escola.

Qual a escola que trabalhou?

Eu comecei a minha vida em 1974 na escola Rosa que é uma escola da 5ª CRE, lá no morro do Jorge Turco. Comecei lá, muito novinha, numa escola pequenininha, no alto do morro. Alguma coisa era proibido fazer, outras o dono do morro mandava, outra podia outra não podia, mas a gente era respeitada, a gente subia o morro, a gente descia o morro, em 1974. De lá eu vim pra cá...

Em 1977, três anos... Você pode dizer que diferença você pode apontar entre a escola, a comunidade de lá e aqui?

Ah, muito grande! Muito grande porque era uma escola de morro! Era uma escola de crianças que não tinham saneamento básico, que tinha que apanhar água para tomar um banho! Se a gente falasse de hábitos, de higiene... plenamente a gente não satisfazia, ele dizia: “tia, eu tenho que descer o morro todo para pegar uma lata d’água”, para ele tomar um banho, ele convivia com o tráfico, ele convivia com as... com as dificuldades. Uma criança já convivendo com as dificuldades. Aqui é diferente! Aí eu posso te falar daqui. A escola que eu peguei em 1977 e a escola que eu pego hoje. Porque quando eu cheguei aqui, esses apartamentos, que a escola tinha sido construída por conta desses apartamentos, só quem veio habitar

esses apartamentos eram pessoas que eles estavam tirando da Vila Kennedy...

Vila Kennedy?

É... estavam tirando as pessoas, fazendo cadastramento das pessoas que moravam, algumas que vieram da Vila Kennedy [tosse]...

Mas a Vila Kennedy já foi uma construção de gente que saiu da zona sul...

Da [favela] Esqueleto, eu acho, e foi pra lá, e aí eles começaram a cadastrar pessoas que tinham um poder um pouco maior, para vir pra cá e que pudesse pagar esse tipo de apartamento, que parece que aqui era mais caro que a casa que eles tinham lá. Então eles vieram pra cá. E algumas pessoas [tosse], claro, em edifícios mais privilegiados, mais à frente, conseguiram através de movimento político, isso também houve. E muitas vezes eu encontrava aluno, houve caso de nós buscarmos saber sobre a casa do aluno, em 1978, 1979... 1976, porque a escola foi inaugurada em 1977, e no vaso sanitário as pessoas plantavam, botavam comigo ninguém pode, espada de São Jorge, porque não sabiam, não tinham ainda essa... não sabiam viver em comunidade, não sabiam se organizar em condomínios, não sabiam melhorar o bairro. Hoje é diferente, hoje a escola contribuiu muito para isso, através da criança, através do trabalho comunitário dela [da escola], mostrando para as crianças aquilo que tinha que levar para casa, que aquilo era um vaso sanitário, para que servia... o rio que passa à frente da escola, que esse rio não é para jogar sofá, cachorro morto... E aí, por isso que a escola, há 13 anos trabalha meio ambiente. Porque você nota que hoje, eles moram em prédios com interfone, todos eles têm televisão, todos eles têm bicicleta. Quer dizer, é uma comunidade que cresceu, meio penduradinha, assim, no cabide de Madureira, que isso influenciou muito, a proximidade do comércio, a proximidade do trabalho da mãe, do pai no comércio de Madureira [tosse]. Você ainda nota que é preciso esgotar, ainda não esgotou os nossos projetos, a gente tem uma missão a cumprir em cada projeto, mas que a gente vai aumentando e crescendo cada vez mais, vai indo cada vez mais, nas discussões da comunidade. Apesar de procurarmos ficar fora determinadas discussões da associação de moradores, de políticos da área, de pessoas, que a gente tem sempre um discurso bem... bem pedagógico. Mas a gente ainda acha que Oswaldo Cruz é um bairro que falta um comércio mais equilibrado, um lazer para as crianças, ainda falta isso. Mas são discussões que a gente vai aos poucos tentando construir.

[interrupção para Ana atender alguém, e depois ela começa a falar o que disse que gostaria de dizer e ainda não havia dito]

É... você buscou comigo... com as professoras, com a minha equipe... a gente está esse tempo todo falando com você como é nosso trabalho... e eu queria, eu preciso deixar registrado para você

que, eu acho que você sabe mas... é bom a gente estar sempre falando porque coisas boas a gente acha que as pessoas sabem e a gente se limita em não falar. Primeiro, o quanto é importante, quando a gente recebe, tem o prazer de receber outras pessoas para estar vindo em nossa escola e até vivenciando um trabalho que a gente faz de qualidade aqui na escola. É muito bom, é... foi assim inenarrável prazer que você permaneceu aqui e se tornou até uma pessoa bastante íntima, bastante conhecida junto da escola, dos professores e tal, isso aí é uma coisa que eu queria muito deixar para você. E mais eu queria dizer para você que, quando eu digo que eu tive poucas experiências, tive mesmo, porque vim pra cá logo que a escola inaugurou e... dizer pra você... do amor da paixão pela educação que a gente tem aqui na escola. De ver, a Aída falando assim... com total desenvoltura e muito entendimento de uma prática pedagógica que a gente acredita, de ver a Arlinda que está ali colada comigo buscando um trabalho no sistema acadêmico, buscando uma... relação comigo de amizade, buscando junto com meus professores o tempo todo, dizer que educação é uma coisa fantástica, é um dinheiro abençoado, é uma paixão, é uma... é do coração. Você trabalha, você briga, você zanga, se estressa, mas eu quero dizer que eu venho diariamente para essa escola com... um dever cumprido, eu não quero passar por essa escola por passar. Eu não quero que a direção da Regina passe batida pela educação da rede pública. Eu acho que esse trabalho é um trabalho de... quem não faz isso não sabe o que está perdendo, o quanto está sendo valorizado, não entende quando o aluno da gente diz pra gente [com os olhos cheios d'água], quando ele sai da escola e ele volta e diz assim: “eu quero entrar – a gente não quer abrir o portão pra ele – eu vim ver vocês, quanta falta a gente sente, como é difícil no segundo grau, como é diferente”, porque a gente trabalha com... um amor, uma dedicação, um prazer, uma perseverança. A gente põe perseverança, põe amor, põe dedicação, põe uma pitada de humor, põe... sabe, a gente vive disso, foi com esse dinheiro que eu criei os meus filhos, porque é um dinheiro que vem abençoado. Lidar com jovens, com criança, lidar com educação me... só me traz coisas boas. Eu só consigo sobreviver – fico muito triste quando eu vejo pessoas dizendo: “ah, se eu vender cachorro quente na praia eu vou ganhar mais” – porque eu não ganho não. Eu não ganho... o companheirismo dessas crianças, quando uma mãe chega e diz: “sabe, eu tenho que contar a minha vida para a senhora para a senhora entender a minha vida”. Às vezes o professor diz assim: “eu não agüento mais, porque eu sou psicólogo, eu sou assistente social, sou médico...!” Eu falo, mas eu gosto de ser psicólogo, de ser assistente social, porque antes de tudo a gente é educador. Eu quero... muito deixar registrado para você a paixão – o dia que eu sair dessa escola eu não passo mais em Oswaldo Cruz, eu não quero mais passar na frente dessa escola [com olhos marejados]... porque eu fico muito preocupada como ela poderá e deverá ser conduzida. Não que a gente conduza de uma maneira, ninguém é insubstituível, não é isso. É que... quando o casamento acaba é muito doloroso. E

em algum tempo esse casamento, meu casamento com essa escola vai ter que acabar porque nada é eterno na vida. Eu seguramente vou querer seguir outros caminhos. Com certeza dentro da educação. Eu tenho um... sonho muito grande e esse sonho eu vou perseguir, eu vou persistir, mesmo fora da direção da escola, que é estar sempre próximo às crianças excepcionais, às crianças com dificuldades, seja lá quais forem: visual, auditiva, retardo mental, síndrome de down, condutas típicas, seja lá qual for. Mas eu tenho paixão por esse trabalho e em algum momento eu vou sair dessa escola e vou me voltar para um trabalho social que possa atender essas crianças. Agora eu não posso deixar de te dizer da paixão com que a gente conduz esse trabalho aqui da escola. Que não é meu, é de um grupo de pessoas que acreditam nessas loucuras que a gente cria aqui nessa escola, que a gente inventa, que a gente busca, a gente está sempre, que tem pessoas com uma criatividade imensa buscando seu caminho. Mas eu tenho verdadeira paixão por aquilo que eu faço. Eu amo esse trabalho, tive meus filhos na rede pública e consegui que meus dois filhos fossem todos os dois formados em professores de Língua Portuguesa. E um filho segue o meu caminho, ele é professor e trabalha com educação e era o grande sonho da minha vida que eu consegui realizar. Eu não podia deixar de te dizer isso.